

/artigos

A aprendizagem como transformação do sujeito: apontamentos sobre o lugar da diferença na ordem animal e na ordem humana

Caroline Feltz Pajewsky

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0009-0005-2408-5437>

carollfeltz@gmail.com

Resumo: O presente trabalho apresenta a maneira pela qual se estabelece a diferença, no pensamento merleau-pontiano, entre os comportamentos animais e os comportamentos humanos. Na *Estrutura do Comportamento*, a análise de resultados da psicologia experimental corrobora uma distinção funcional e não substancial entre as diferentes ordens de comportamento, de forma a se observar uma relação de *fundação* entre as mesmas e uma hierarquia entre elas da ordem de uma maior realização da individualidade nas respostas de comportamento. Desta forma, uma vez dada tal reciprocidade, mas também na medida em que a possibilidade de expressões variadas dos temas exige um princípio geral que orienta o comportamento simbólico, temos como objetivo demonstrar como uma das características da diferença antropológica uma aderência distinta à ideia de aprendizagem, decorrente da maior plasticidade das respostas de comportamento nesta ordem de viventes.

Palavras-chave: comportamento vital; simbólico; aptidão

Abstrat: The present research presents the way in which the difference between animal and human behaviors is established in Merleau-Ponty's thought. In *The Structure of Behavior*, the analysis of various results from experimental psychology supports a functional and not substantial distinction between the different orders, such that a reciprocal, *foundational* relationship between them can be observed, along with a hierarchy in which human behavior shows a greater realization of individuality. Given this reciprocity—and considering that the possibility of varied expressions of themes demands a general principle to guide symbolic behavior—this study aims to demonstrate that one of the key features of the anthropological difference lies in a distinct adherence to the

concept of learning. This adherence is consequence of the greater plasticity of behavioral responses in this particular order of living beings.

Keywords: animal behavior; symbolic; aptitude

Introdução

Sabe-se que, embora os primeiros trabalhos de Merleau-Ponty sejam voltados ao estudo da percepção e da consciência humana, eles coroam ainda dois eixos de reflexão que seguirão presentes em suas produções nos anos seguintes. São eles, a saber, a distinção da modalidade de consciência adulta e normal para com a percepção e consciência animal - que se exprime na questão da especificidade da ordem humana frente às ordens materiais e vitais - e, conseqüentemente, a distinção entre natureza e cultura, expressa nas reflexões acerca do meio próprio que a consciência merleau-pontiana, prática e perceptiva, produz na medida em que se direciona ao mundo, isto é, à um meio simbólico, cultural e histórico.

É sobretudo sobre o primeiro eixo que gostaríamos de nos deter, no presente artigo, a fim de compreender o lugar que o encontro com situações inéditas, leia-se, com o diferente, ocupa no interior de diferentes viventes de maneira a produzir sua transformação ou então de operar neles uma “verdadeira aprendizagem”. Começamos tal análise pelas delimitações que a *Estrutura do Comportamento* faz dos comportamentos animais, sincréticos e amovíveis, e do comportamento simbólico. Elas são, evidentemente, fundamentais não necessariamente para marcar a antinomia animal/humano, natural/cultural, mas para revelar como gradativamente se alcança, na história do comportamento, um tipo de relação com o inédito que não mais é pautada por uma estrutura rígida de reação aos estímulos, e que aceita ser expressa, cada vez mais, pelas noções de adaptação, de plasticidade e de criação.

Não se pode negar que uma das consequências dessa interpretação gradativa dos comportamentos viventes representa uma espécie de saída dos limites da necessidade rumo à liberdade. Aderir ao universo da filosofia da forma significa reconhecer que “matéria, vida e espírito devem participar de modo desigual da natureza da forma, representar diferentes graus de integração e constituir, enfim, uma hierarquia em que a individualidade se realiza cada vez mais” (Merleau-Ponty, 2006, p. 207). Ora, isso significa que, ainda que não possamos esquecer o registro em que se inscreve o pensamento do autor, no qual se assegura uma diferença funcional e não substancial entre as ordens materiais, vitais e simbólicas (diferença que é abrandada também a partir da categoria de *fundação*) também não se pode negar a existência de concessões ou reservas feitas exclusivamente ao comportamento humano que dificultam dar por encerrada a querela clássica. Seria a aderência humana a ideia de uma “verdadeira aprendizagem” uma delas? Mas o que é o universo da forma? Como ele envia à identificação do comportamento humano a um comportamento livre? E como eles se relacionam ao tema da aprendizagem?

A noção de forma nos estudos estruturais do comportamento

A obra *Estrutura do Comportamento*, ao ter como meta a compreensão das relações entre a consciência e a natureza, fornece-nos as principais indicações acerca da passagem dos comportamentos vitais aos simbólicos, isto é, do animal ao humano. O roteiro e o objetivo geral da obra são claros: a reformulação das categorias filosóficas clássicas de consciência e de natureza, sendo os alvos centrais de Merleau-Ponty tanto as concepções idealistas dos termos quanto as concepções realistas dos mesmos, sejam eles na filosofia ou nas ciências.

Isto é, de um lado pretende-se romper com a ideia de consciência tal como se esta fosse um poder universal de constituição da natureza, tal como se para ela não existisse nada além do que por ela já foi constituído, tal como se fosse um

puro *para-si*. Por outro lado, há a recusa de pensá-la a partir da categoria de causalidade, modo recorrente de encontrá-la nas ciências biológicas e na psicologia experimental do início do século XX. Ou seja, tal como se esta fosse uma coisa entre as coisas, um puro *em-si* (Merleau-Ponty, 2006). Para o filósofo francês, o problema último está em que estas ciências, na medida em que tomam a consciência como parte *real* do conjunto da natureza, passam a explicar o comportamento do animal e o comportamento humano como efeito de determinações exteriores ou interiores. Como efeito do meio social, do fisiológico ou, então, do psíquico. É a fim de salvaguardar o que chama por verdade de ambas as alternativas que Merleau-Ponty adere a noção de forma oriunda da *Gestaltpsychologie*, pois que a partir dela pode-se reconhecer - sobretudo nas formas animais e simbólicas - a existência de componentes subjetivos do meio, sem, contudo, compreendê-lo como completamente constituído pelas capacidades cognitivas do sujeito.

Assim, a crítica merleau-pontiana ao realismo nas ciências diz respeito a este conceber o comportamento como um fato observável, um conjunto de respostas a um conjunto de estímulos. Já sua recusa ao intelectualismo filosófico é referente a este conceber o comportamento como “uma projeção no exterior das intenções de nosso pensamento” (Moutinho, 2006, p. 47). Ao compreendê-lo como uma *forma* ou uma *estruturação*, o que Merleau-Ponty pretende demonstrar é, de um lado, a insuficiência do pensamento que decompõe o mesmo em partes reais¹⁶ e, de

¹⁶ A concepção do comportamento como uma coisa tem como principais representantes, na crítica feita por Merleau-Ponty, a teoria do reflexo condicionado de Ivan Pavlov e o behaviorismo de John Watson. O cerne do problema estaria no fato de 1. se conceber o comportamento como pura reação característica a um estímulo objetivo específico; e 2. isto através do acionamento de regiões específicas do córtex cerebral por vias nervosas predeterminadas, de forma que entre “os estímulos, o sistema nervoso e o comportamento” existiria uma correspondência pontual e unívoca (Merleau-Ponty, 2006, p. 93). A questão é que se sustenta assim uma ideia de comportamento que seria *efeito* de *causas* estranhas ao mesmo e também se coaduna a uma teoria das localizações que encontra uma correspondência exata entre o local anatômico de uma lesão e a função afetada. Contrariamente, resultados encontrados nas pesquisas de Henri Piéron e Kurt Goldstein sustentam que “uma lesão, mesmo localizada, pode determinar distúrbios de estrutura que afetam o conjunto do comportamento, e distúrbios de estrutura análogos podem ser provocados por lesões situadas em diferentes regiões do córtex” (Merleau-Ponty, 2006, p. 94). Por

outro, a insuficiência de pensá-lo como simples suporte material de uma elaboração interior. Aderindo a uma definição sobretudo funcional, alternada por vezes pela noção de estrutura, a *Estrutura do Comportamento* aborda as formas como

processos totais cujas propriedades não são a soma das propriedades que as partes isoladas possuiriam [...] pode-se dizer que existe forma sempre que as propriedades de um sistema se modificarem para cada mudança ocorrida em uma única de suas partes e se conservarem, ao contrário, quando todas elas se modificarem, mas conservarem entre elas a mesma relação (Merleau-Ponty, 2006, p. 69-70).

Donde que o comportamento, antes da divisão objetivista ou intelectualista que sofre nas ciências e na filosofia clássica, seja a partir de então compreendido como uma *totalidade* que não é pura soma das partes que a compõe (seu aspecto material, vital e espiritual), mas uma totalidade que depende do arranjo das partes para possuir determinadas propriedades¹⁷. Surge daí a distinção entre as formas físicas, as formas vitais e as formas simbólicas. As primeiras, nas quais não nos deteremos, referem-se a um tipo de arranjo no qual a matéria e suas relações

essa razão, distúrbios causados por uma lesão podem se estender a territórios muito distantes daqueles em que a lesão é anatomicamente observável, podem mesmo tornar impossível uma função sem que essa função seja localizada no território lesado (Merleau-Ponty, 2006). Ou seja, o que a decomposição do comportamento em partes reais não é capaz de abarcar são as alterações fundamentais do todo do comportamento. O famoso caso do ferido de guerra Schneider é representativo: os diferentes distúrbios que apresenta, após ter sido atingido por estilhaços de obus, abrangem todos os aspectos de seu comportamento, inclusive a sua conduta sexual. Este fato torna possível supor, do ponto de vista anatômico, lesões das diferentes partes do cérebro. Contudo, a única lesão que se encontra no ferido é uma lesão circunscrita ao lobo occipital e que deveria, portanto, afetar tão somente suas funções visuais. Sabe-se que não é isto que ocorre. Schneider tem, além das funções visuais, também afetadas certas funções táteis e de motricidade, bem como a memória, a inteligência e a linguagem.

¹⁷ Segundo Étienne Bimbenet, esta definição funcional diz muito sobre a superação da filosofia da substância que com ela se intenta operar. Rompendo com a ideia de uma distinção substancial entre o animal e o humano, “é funcionalmente, como comportamento de um novo tipo e não como substância distinta que precisamos compreender nossa humanidade” (Bimbenet, 2004, p. 76).

imediatas prevalecem¹⁸. Já as formas vitais e simbólicas são aquelas das quais se pode dizer que o arranjo oferece de fato um comportamento. Estas ordens de viventes

oferecem a particularidade de ter um comportamento, ou seja, que suas ações não são compreensíveis como funções do meio físico e que, ao contrário, as partes do mundo às quais reagem são delimitadas por eles por uma norma interior (Merleau-Ponty, 2006, p. 248-249)

Eis aí uma importante contribuição da noção de forma. Com ela, o que se observa em um comportamento é a capacidade de assimilação dos estímulos por meio da própria estrutura corporal do vivente, fazendo com que haja certos estímulos que apareçam significativamente para si, enquanto para outros não. Aqui, a resposta do comportamento se dá conforme o *a priori* da espécie, *a priori* este que constitui tão somente a maneira própria pela qual os estímulos entram em uma determinada estrutura do comportamento, ou seja, pela qual significam e valem para a atividade típica de cada espécie¹⁹. A ordem vital “se revela mais integrada do que a forma física, pois interpreta a exterioridade em função de suas próprias intenções vitais” (Neves, 2018, p. 54) respondendo de maneira *adaptada* aos estímulos externos. A novidade do comportamento na ordem vital – que se expressa pela noção de *adaptação* – está nesta pré-constituição do meio, que agora é o meio conforme as normas internas do organismo e não somente o exterior

¹⁸ Aqui, a forma é um sistema de forças em estado de equilíbrio ou de mudança constante “a partir de certas condições exteriores dadas” (Merleau-Ponty, 2006, p. 227) – daí que se diga dela como inferior ou imediata - e na qual “cada mudança é traduzida por uma redistribuição total das forças, assegurando a constância de sua relação” (Chauí, 2002, p. 235).

¹⁹ Uma vez que interpreta a conduta como dependendo mais do significado que os estímulos têm ou não para o organismo, portanto, da relação de sentido que se estabelece entre eles, é novamente o realismo nas ciências e a ideia de propriedades materiais do estímulo, isto é, desse considerado como coisa *em-si* que se desmantela. Afinal, dessa forma, “a ciência biológica se proíbe concebê-los como coisas em si que existiriam, *partes extra partes*, *no* sistema nervoso ou *no* corpo, vê neles dialéticas encarnadas que se irradiam num meio que lhes é imanente” (Merleau-Ponty, 2006, p. 251).

dado.

Tal organização conforme os padrões estruturais do organismo estão presentes também na conduta humana, que tem, por exemplo, nas direções de alto e baixo sua referência principal, uma vez da aquisição da postura ereta. Porque também se constitui como uma forma, subsiste na conduta simbólica uma configuração do meio pautada por um *a priori* que, se não é mais biológico, é um *a priori material*. Desta forma, pode-se ver que a noção de forma, ao mesmo tempo que garante abarcar o que há de diferente nos diferentes tipos de comportamento - a saber, sua aderência aos materiais ou aos estímulos que são sua ocasião, aos esquemas instintos que organizam o meio de comportamento ou à significação a que enviam- ela também nos revela a continuidade desses aspectos do comportamento nos três diferentes níveis. Conforme Marilena Chaui, há um princípio unificador e diferenciador na forma, “articulador da unidade e da diferença” (Chaui, 2002, p. 246), princípio pelo qual a hierarquia que será identificada entre as três diferentes ordens de comportamento não permite fundar-se em uma constituição substancial diferente. Longe disso, o comportamento inorgânico, orgânico ou simbólico, eles “devem representar diferentes graus de integração” (Merleau-Ponty, 2006, p. 207), no qual a diferenciação dos comportamentos se dá justamente através da maneira pela qual cada ordem arranja os caracteres das ordens precedentes. Portanto, o que a distinção funcional garante é que

Nem o psíquico com relação ao vital nem o espiritual com relação ao psíquico podem ser tratados como substâncias ou mundos novos. A relação de cada ordem a ordem superior é a do *parcial ao total*. *Um homem normal não é um corpo portador de certos instintos autônomos, anexados a uma “vida psicológica” definida por certos processos característicos - prazer e dor, emoção, associação das ideias - e encimado por um espírito [...] O advento das ordens superiores, à medida em que se realiza, suprime como autônomas as ordens inferiores e dá aos processos que as constituem um significado novo* (Merleau-Ponty, 2006, p. 280).

Ou seja, na integração de uma ordem superior a outra, estabelece-se uma

relação de *fundação* que faz da ordem inferior a condição de possibilidade de qualquer nova forma de existência. Por aí, vemos Merleau-Ponty dissociando-se das cisões substanciais clássicas que geralmente definem o humano. Mas então como diferenciar os comportamentos estudados?

A Aprendizagem nos Quadros Estruturais do Comportamento

É sobretudo a análise dos resultados obtidos pela psicologia experimental que orienta a delimitação dos limites animal/humano. Abordando o problema das relações entre estímulo e resposta de maneira estrutural, isto é, a partir da compreensão do sentido e da eficácia envolvidas em comportamentos de resposta, Merleau-Ponty passa a distinguir os diferentes tipos de comportamento por sua aderência à ideia de aprendizagem²⁰. Assim, busca-se abandonar o vocabulário que os designa por “formas elementares e complexas” para referir-se aos comportamentos das diferentes ordens como formas sincréticas, amovíveis e

²⁰ Com tal explicação de cunho gestaltista, Merleau-Ponty pode contrapor-se à ideia de aprendizagem animal proveniente da teoria do reflexo. O princípio desta é o da tentativa e do erro: “Diante de uma situação nova, o animal reagiria por uma série de tentativas às quais não deveria atribuir nenhum caráter intencional, ou seja, nenhuma relação interna com a situação. Encerrado numa jaula fora da qual estava seu alimento, ele executaria, sob a pressão da necessidade, uma série de gestos (agarrar e sacudir as barras, etc.), entre os quais poderia se encontrar o gesto decisivo [...]” (Merleau-Ponty, 2006, p. 147). Dessa forma, para Pavlov, a aprendizagem se daria quase por uma “conexão acidental” (Merleau-Ponty, 2006, p. 149), no sentido de que das tentativas às cegas, as infrutíferas seriam eliminadas do comportamento animal e as bem-sucedidas seriam fixadas e adquiridas. Fenômeno que um behaviorismo como o de Watson explicaria defendendo que é justamente a frequência das reações bem-sucedidas que as fixam como comportamento. Para Merleau-Ponty, tal explicação não basta, muito pelo fato de existirem tentativas infrutíferas que são repetidas diversas vezes antes que o animal recorra a outros meios, tal como é o caso nos experimentos feitos com sapos que analisaremos nos momentos a seguir. A questão é que tais ocorrências “sugerem a ideia de que o valor do comportamento positivo ou negativo interviria de alguma maneira na sua fixação” (Merleau-Ponty, 2006, p. 149), isto é, sugerem a existência, no animal, de atitudes carregadas de ‘alguma propriedade distintiva’ que encaminham para o sucesso da reação, isto é, de atitudes que possuem sentido e eficácia *para* a espécie considerada e que por isso são aquisições duráveis do comportamento. Trata-se aqui de uma ‘inteligibilidade imanente’, tal como expresso por Buytendijk. Fator que não pode ser abarcado pela teoria que tem como premissa o mundo e o comportamento como *partes extra partes*.

simbólicas, cada uma delas significando uma forma cuja estrutura está “mergulhada no conteúdo, ou que, ao contrário, emerja dele para tornar-se, no limite, o tema próprio da atividade” (Merleau-Ponty, 2006, p. 162).

Ora, a aprendizagem é entendida pelo filósofo como “uma alteração geral do comportamento”, como um ato ou “uma criação inédita a partir da qual a história do comportamento é qualitativamente modificada” (Merleau-Ponty, 2006, p. 151) e que não pode ser entrevista em gestos de repetição de uma boa resposta ou de uma boa solução para um determinado problema²¹. Antes, aprender é tornar-se capaz de fornecer à situação uma resposta adaptada por diferentes meios (Merleau-Ponty, 2006). Ou seja, a aquisição de uma nova aptidão no animal – e também no humano – não se vê na execução repetida de um mesmo comportamento para uma mesma situação posta, mas sim na capacidade de resolver uma sucessão de problemas semelhantes. Um gato, argumenta o filósofo, “treinado para obter comida puxando um barbante, vai puxá-lo na primeira tentativa bem-sucedida com a pata, mas, na segunda, com os dentes” (Merleau-Ponty, 2006, p. 151) e uma criança, ao aprender (após um processo lento e difícil) a distinguir uma cor, como o verde e o vermelho, e a nomeá-los corretamente, adquire não somente a discriminação dessas duas cores em específico, mas adquire, a partir de então, “um poder geral de comparar e distinguir *as* cores” (Merleau-Ponty, 2006, p. 152). A aprendizagem implica então, mais do nunca, uma alteração do comportamento que o abre para ações cujo conteúdo pode ser variável, mas cujo significado é constante.

Não obstante, ainda que se estabeleça uma relação de sentido entre situação e resposta em ambos os casos, isto não significa dizer que a aprendizagem de comportamentos no animal e no humano se dê da mesma maneira e a vinculação dos diferentes tipos de viventes à cada uma das formas (sincrética, amovível, simbólica), se dá, segundo Merleau-Ponty, conforme o tipo de comportamento

²¹ Do ponto de vista estrito da teoria do condicionamento, poderia haver tão somente fixação das reações úteis “tais como se produziram a primeira vez” (Merleau-Ponty, 2006, p. 151).

que lhe é mais familiar²². Mas não exclusivo:

poderíamos distinguir desse ponto de vista “formas sincréticas”, “formas amovíveis” e “formas simbólicas”. Essas três categorias não correspondem a três grupos de animais: não há espécie animal cujo comportamento jamais ultrapasse o nível sincrético ou jamais desça abaixo das formas simbólicas (Merleau-Ponty, 2006, p. 162).

Dessa forma, o que as formas sincréticas englobam são aqueles comportamentos cujas respostas são mais geralmente em conformidade com os complexos de estímulos e com as condições naturais do vivente. Neste nível de comportamento, a leitura que se faz de uma situação inédita é somente como *alusão* às situações vitais que lhe são prescritas, o que resulta em um “aprisionamento” da resposta nos quadros instintivos da espécie. Alguns experimentos com sapos, por exemplo, exemplificá-lo-ia

Se colocamos diante do sapo uma minhoca separada dele por um vidro, apesar dos fracassos que deveriam ser inibidores, o animal persevera nas suas tentativas de apreensão, porque, na vida natural, os esquemas instintivos prescrevem, diante de um alvo móvel, tentativas repetidas (Merleau-Ponty, 2006, p. 164).

Apoiando-se nas pesquisas de Buytendijk, a forma sincrética será definida como aquela para a qual a resposta de comportamento a uma situação inédita depende de uma analogia às situações vitais e que são, por essa razão, “determinadas não pelas particularidades físicas da situação presente, mas pelas leis biológicas do comportamento” (Merleau-Ponty, 2006, p. 164).

O comportamento muda de figura quando da emergência do sinal, isto é, quando da emergência de comportamentos que se mostram relativamente mais

²² A compreensão estrutural dos comportamentos, fazendo intervir a relação de sentido no circuito estímulo-resposta, leva em consideração as “propriedades formais da situação, as relações espaciais, temporais, numéricas, funcionais que são a sua ossatura” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 161) e sabemos que as dimensões de espaço e de tempo, ainda que sejam constituintes dos diferentes níveis de comportamento estudados, não possuem neles, contudo, o mesmo sentido.

desprendidos dos esquemas instintivos da espécie, cuja resposta está mais adaptada à finalidade da ação do que aos estímulos materiais a ela relacionados. A forma amovível tem nos famosos experimentos de Kohler com chimpanzés sua exemplificação. Nestes experimentos, fica clara a distância e a novidade que o comportamento amovível adquire em relação aos sincréticos. Contudo, também a sua insuficiência face aos comportamentos simbólicos. Pois aqui, ainda que haja atribuição de valor de uso aos objetos, esses dependem de algumas condições para efetivamente serem vistos como instrumentos, como meios para um fim da conduta animal. Um chimpanzé de Kohler, por exemplo, que já havia em experimentos anteriores usado bastões para alcançar um objetivo, é então deixado sozinho em uma jaula, que contém um objetivo inacessível, somente com um arbusto cujos galhos poderiam - do ponto de vista humano - ser facilmente cortados e transformados em bastão. Outro, que já havia aprendido a manejar caixas, não usa uma que lhe é oferecida enquanto outro macaco está nela sentada; “encosta-se na caixa (logo, não podemos dizer que não a viu), mas ela permanece para ele um ponto de apoio ou de repouso, não pode tornar-se um instrumento” (Merleau-Ponty, 2006, p. 178).

Dessa forma, as relações físico-geométricas que fariam do estímulo um instrumento em sentido estrito não se encontram nele virtualmente, como possibilidade, mas somente na *atualidade* de uma situação. A conduta de sinal mostra-se dependente de uma determinada configuração espaço-temporal entre o estímulo e a finalidade para ser efetiva. Nas palavras do filósofo, seguindo o fio condutor da pesquisa experimental

Nos macacos inferiores, um bastão ou um rodo são empregados como instrumentos apenas se forem dispostos previamente da maneira conveniente; se, por exemplo, o rodo já estiver colocado atrás da fruta e seu cabo estiver ao alcance da mão. Observa-se alguma coisa de análoga nos chimpanzés menos inteligentes que, pelo menos nas primeiras experiências, empregam o bastão apenas se este estiver em “contato óptico” com o objetivo, ou seja, se o objetivo e o bastão puderem ser abarcados num mesmo olhar (Merleau-Ponty, 2006, p. 179).

Observa-se que ainda que nesse nível de comportamento haja modos diferentes de reagir a situações distintas e inéditas, por sujeitos de uma mesma espécie, essa resposta do comportamento permanece dependente de uma vinculação imediata com o ambiente. Ou seja, a questão da diferença deste comportamento para com o simbólico está no modo pelo qual o animal relaciona-se com o espaço e com o tempo. “Para o comportamento animal [...] o espaço é, por assim dizer, uma estrutura mais sólida e mais manejável que o tempo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 175). Afinal, a dificuldade do chimpanzé, por exemplo, de manter a percepção de um mesmo objeto como um instrumento, quando este está fora de certas configurações - fundada no fato de se manter exposto às solicitações da proximidade - indica que o cerne daquela insuficiência do comportamento amovível está na impossibilidade de apreender um objeto como sendo idêntico e diferente, ao mesmo tempo. A apreensão do objeto se dá tão somente como a de duas coisas distintas e alternativas²³. O galho da árvore, o bastão e as caixas lhe aparecem como coisas diferentes e não podem, por isso, desempenhar mais de uma função ou, em outras palavras, não podem firmar-se como *símbolos*.

Vimos que a caixa-sede e a caixa-instrumento são, no comportamento do chimpanzé, dois objetos distintos e alternativos, e não dois aspectos de uma coisa idêntica. Em outros termos, a cada momento, o animal não pode adotar com relação aos objetos um ponto de vista escolhido com discrição, mas o objeto aparece revestido de um “vetor”, investido de um “valor funcional” que depende da composição efetiva do campo. Esse é para nós

²³ A incapacidade de enxergar uma mesma coisa a partir de diferentes pontos de vista se funda ainda, para Merleau-Ponty, na relação que o animal estabelece com o próprio corpo. “No comportamento animal, o objeto exterior não é uma coisa no mesmo sentido em que o corpo o é - ou seja, uma unidade concreta capaz de entrar, sem se perder, numa multiplicidade de relações. [...] O que falta ao animal é exatamente o comportamento simbólico que lhe seria necessário para encontrar no objeto exterior, sob a diversidade de seus aspectos, uma invariante comparável à invariante imediatamente dada do corpo...” (Merleau-Ponty, 2006, p. 185). Ou seja, é porque não se percebe a si mesmo como um invariante, como uma coisa que entra em diversas relações sem se alterar, que o animal não consegue enxergar o mesmo no exterior.

o princípio das insuficiências que notamos em seu comportamento (Merleau-Ponty, 2006, p. 183).

Por fim, trata-se neste nível de comportamento de uma limitação acerca das relações nas quais se pode inserir um estímulo em situações inéditas porque há um encerramento da valoração funcional nos limites da proximidade espacial e do tempo presente, atual.

É o que muda no comportamento simbólico. Este, vai nos dizer Merleau-Ponty, “é a condição de toda criação e de toda novidade nos “fins” da conduta” (Merleau-Ponty, 2006, p. 189). Isto é, a conduta simbólica não se baseia nem nos temas nem nos meios fixados pelos *a priori* biológicos, suas respostas de comportamento se mostram mais autônomas em relação aos estímulos, ao ambiente e às determinações vitais. A ideia de improviso é aqui exemplar. Se na conduta animal a improvisação dificilmente é encontrada, não se pode dizer o mesmo no comportamento humano, tal como o atesta o uso de diferentes instrumentos musicais por um musicista. Logrando executar melodias correspondentes a músicas nunca antes tocadas, a improvisação desvalida a possibilidade de as mesmas não serem mais do que um perfazer de montagens rígidas e já adquiridas, afinal, “sujeitos experientes são capazes de improvisar em instrumentos desconhecidos para eles, e a exploração dos instrumentos, que é previamente necessária, é muito breve para permitir uma substituição das montagens individuais” (Merleau-Ponty, 2006, p. 190).

Dessa forma, há um novo princípio geral que orienta esse tipo de conduta e que a abre para a possibilidade de criação de soluções para problemas completamente novos na história do comportamento. Há uma função representativa que não torna mais necessário a presença atual de estímulos para a produção de uma resposta do comportamento. Não é à toa, portanto, que o uso de instrumentos tenha sido fundamental para destacar a diferença antropológica. Se um chimpanzé pode de fato utilizar um bastão e mesmo unir dois de diâmetros

diferentes, tal como nos experimentos de Kohler, a fim de alcançar cachos de banana que eram seu objetivo, ele não pode, contudo, construir instrumentos que serviriam unicamente para preparar outros, isto é, ele não consegue efetivamente criar instrumentos, nem exatamente sob a pressão de uma situação de fato, muito menos para um uso virtual e, em particular, para criar outros (Merleau-Ponty, 2006). E não somente criar, mas também, como vimos, de tomá-los como objetos ou instrumentos de fato, independentemente de sua posição na configuração espaço-temporal da situação e, portanto, do seu valor funcional.

Para tanto, seria necessária a *atitude categorial*²⁴ que só se encontra, nos estudos merleau-pontianos, ao lado dos comportamentos humanos. Aqueles nos quais há orientação em relação ao virtual ou ao possível, transferência de um sentido para outro, estrutura coisa²⁵ (Merleau-Ponty, 2006). Liberados os estímulos “das relações atuais nas quais meu ponto de vista particular os prende, dos valores funcionais que as necessidades da espécie definida para sempre lhes atribuíam (Merleau-Ponty, 2006, p. 192), o que se observa neste nível de comportamento é um novo modo de relação com o inédito, calcado na capacidade de simbolização dos estímulos. Nas palavras do filósofo, “é essa possibilidade de expressões variadas de um mesmo tema, essa multiplicidade perspectiva que faltava ao comportamento animal. É ela que introduz uma conduta cognitiva e uma conduta livre” (Merleau-Ponty, 2006, p. 192).

Em outras palavras, a emergência do comportamento simbólico inaugura uma nova configuração do espaço e do tempo, mais distante da concretude da situação próxima e atual. Nesta, a resposta do comportamento nem mesmo pode

²⁴ O termo *atitude categorial* é advindo da psicologia de Goldstein e é por Merleau-Ponty aproveitado para referir-se ao próprio do fenômeno humano.

²⁵ Segundo Silvana Ramos, é justamente nessa relação específica com a “estrutura coisa” que se estabelece a capacidade humana de transformação e superação do dado. Uma vez que, tal como o corpo próprio, a coisa aparece como um idêntico capaz de infinitas relações possíveis e variáveis, é a própria visada objetiva de si mesmo que “permite ao homem continuamente transcender as relações dadas em direção a outras “possíveis” (Ramos, 2009, p.33).

continuar sendo posta em termos de reação ou ação, a menos que a ideia de ação mude de sentido. Uma vez adquirida a capacidade de conferir aos estímulos mais de um ponto de vista, a relação que o humano estabelece com o exterior, não sendo mais da ordem de uma conformidade ao vital ou ao biológico, torna impossível conceber a ação humana como uma outra solução para os problemas que o instinto resolve: se os problemas fossem *os mesmos*, as soluções seriam idênticas (Merleau-Ponty, 2006). Por essa razão, os exemplos a partir dos quais o comportamento simbólico será analisado na *Estrutura do Comportamento* são aqueles dos objetos e dos comportamentos puros de uma significação propriamente humana²⁶, dos comportamentos rearranjados em um sentido mais complexo do que ao vital a que poderiam estar ligados. Para além da roupa e da casa como proteção ao frio e da linguagem como facilitador da vida prática em comunidade, então

o ato de se vestir torna-se o ato do ornamento, ou ainda o do pudor, e revela assim uma nova atitude para consigo mesmo e para com o outro. Somente os homens percebem que estão nus. Na casa que constrói para si, o homem projeta e realiza seus valores preferidos. O ato da palavra exprime, enfim, que ele deixa de aderir imediatamente ao meio, elevando-o à condição de espetáculo e dele tomando posse mentalmente através do conhecimento propriamente dito (Merleau-Ponty, 2006, p. 271).

A análise do comportamento simbólico indica não somente que aqui o comportamento se resume a uma resposta variada e adaptada a um meio que lhe é próprio. Ela encaminha mesmo para uma nova solução do problema da

²⁶ A partir de então, Merleau-Ponty irá redefinir a questão da especificidade humana nos termos de uma correlação entre situação percebida/trabalho. Não agindo em conformidade com os quadros da espécie, mas através da categoria de possibilidade dada pela atitude categorial, Merleau-Ponty nem mais encara o comportamento ou a percepção humana como uma ação que configura o meio de seu comportamento, tal qual ocorria na configuração do meio do comportamento animal conforme seus *a priori* biológicos, isto é, conforme aquilo que lhe dizia *sentido*. Neste nível de comportamento, a ação será dita trabalho: “Foi intencionalmente que, em vez de falar de ação, como fazem a maioria dos psicólogos contemporâneos, escolhemos o termo hegeliano ‘trabalho’, que designa o conjunto das atividades através das quais o homem transforma a natureza física e viva” (Merleau-Ponty, 2006, p. 253).

passagem da ordem animal à humana. Já garantida a continuidade entre elas pelo fato de ambas serem *formas*, são as diferentes configurações dos mesmos aspectos que subsistem em todas elas, e, conseqüentemente, de suas propriedades distintivas, que permitem a diferenciação. Assim, se havia na conduta animal uma norma interior que delimitava um mundo próprio ao qual o comportamento respondia, com a ordem simbólica aparece um novo princípio interno de conduta que cria uma nova mediação entre estímulo e resposta: é a mediação dada pelo novo sentido de espaço e de tempo, um sentido, se podemos dizer, mais alargado. É que, na medida em que nela torna-se possível uma aptidão para a orientação em relação ao possível (e não somente ao meio atual da conduta animal) o sentido da ação humana ganha um aspecto bastante (in)determinado: o de negação e superação dos dados com os quais se relaciona. Por essa razão, é uma ambigüidade que irá definir a capacidade específica humana, afinal, o que a define não é somente uma capacidade de criar. Segundo Merleau-Ponty, “o que define o homem não é a capacidade humana de criar uma segunda natureza - econômica, social, cultural - para além da natureza biológica, é sobretudo a capacidade de superar as estruturas criadas para criar outras (Merleau-Ponty, 2006, p. 272). Encarnando um sentido de negação e transformação da situação dada, a conduta é ambígua pois que

manifesta-se inicialmente pelas estruturas sociais ou culturais que faz surgir e nas quais se aprisiona. Mas seus objetos de uso e seus objetos culturais não seriam o que são se a atividade que os faz surgir não tivesse também como sentido negá-los e superá-los (Merleau-Ponty, 2006, p. 274).

Se ainda podemos usar o termo, podemos dizer que há aqui uma reação mais positiva do comportamento na sua relação com o diferente, uma reação mais positiva às situações artificiais pois somente a partir dele mesmo situações

artificiais podem vir à tona²⁷. É em vista disso que podemos observar uma diferença de grau entre o que seria a aprendizagem no animal e a aprendizagem no humano. Se é verdade que, conforme Merleau-Ponty, esta é uma transformação da “situação singular da experiência numa situação típica e [da] reação efetiva numa aptidão” (Merleau-Ponty, 2006, p. 197), também é verdade que as normas ou princípios internos de cada indivíduo somente permitem reações ou respostas de comportamentos que digam respeito ao meio de comportamento – o *Unwelt* – próprio de cada um deles.

Ocorre que a *Estrutura do Comportamento* descreve as respostas do comportamento animal como irredutivelmente alinhadas aos interesses vitais do vivente e mesmo que alterações qualitativas do comportamento possam ser observadas (tal qual a alteração que inaugura esse nível de conduta, em relação aos sistemas físicos, por exemplo), tudo indica que o estabelecimento de uma aprendizagem fica aqui restrito ao sentido biológico ao qual pode corresponder e ao tempo e espaço atual que seriam sua insuficiência de comportamento. Por estes motivos, trata-se ele de um *comportamento adaptado*. O comportamento humano, por sua vez, exprimiria um verdadeiro trabalho na sua relação com o mundo, inaugurando não só a possibilidade de criar respostas cada vez menos rígidas e programáticas aos problemas postos, mas também criando problemas novos e assim indefinidamente.

A possibilidade de alterações qualitativas do comportamento parece conquistar um nível que coloca em causa, muito mais fortemente do que no caso animal, o próprio sujeito. O contato com outrem, mediado pela conduta simbólica e pelo uso da *palavra*, possibilita relações nas quais o sujeito pode deixar de inserir aí ‘suas normas teimosas’ e pode *se irrealizar*, tornando-se um verdadeiro *alter ego*

²⁷ O caso contrário, isto é, o da fixação dos temas pelos *a priori* da espécie revelam tal dificuldade no animal. Em uma análise de Kohler, fica claro que se pode conduzir um chimpanzé para atividades ou hábitos estranhos à sua natureza (através de castigos ou outro meio). Porém, por pouco tempo. Durante as apresentações de um circo, por exemplo. Contudo, fazer com que o animal assimile tal ato e o execute a partir de então como algo natural “parece uma tarefa muito difícil e mesmo quase impossível” (Merleau-Ponty, 2006, p. 193).

(Merleau-Ponty, 2006). Era este, por fim, o lugar reservado ao contato com o diferente nas condutas humanas. Podendo simbolizar com os estímulos, neste nível de conduta o sujeito pode abrir-se a aprendizagens e transformações de si mesmo que não haviam sido antes encontradas na história do comportamento²⁸.

Considerações finais

No presente artigo, tivemos a intenção de apontar para o fenômeno da aprendizagem como um fenômeno de transformação, pouco ou muito abrangente e duradouro, do indivíduo ou do sujeito do comportamento, e que exigia, para tanto, modos específicos destes responderem às situações inéditas. Dessa forma, ele somente podia dar sinais de aparecimento a partir da forma amovível, na qual a resposta aos estímulos se dava de maneira mais adaptada e voltada à finalidade da ação do que nos comportamentos sincréticos.

A questão que se colocava ao comportamento animal era devida, contudo, ao fato de as aptidões constituírem-se sempre em dependência ao sentido biológico da espécie considerada. Tal limitação era facilmente extinta nas análises do comportamento humano, pois que essencialmente simbólico e no qual as respostas se viam definitivamente livres de suas relações aos estímulos. Mas isto poderia significar que os comportamentos animais aderem menos à ideia de aprendizagem, do ponto de vista dos estudos estruturais dos comportamentos pensados por Merleau-Ponty?

O fato de a resposta poder simbolizar com o estímulo estava longe de fazer com que *todo* ato do comportamento simbólico significasse a aquisição de uma nova aptidão. E a falta da mesma como princípio interior não tornava o animal inapto para alterações qualitativas do comportamento. Em realidade, o que se pode

²⁸ O que queremos dizer é que a não presença da multiplicidade perspectiva parece implicar um limite à transformação de si no animal: não podendo enxergar a si mesmo pelos caracteres da identidade e da diferença, como sujeito e objeto, ao mesmo tempo, o animal não possui um tipo de abertura ao possível que permite *irrealizar-se*, tal como foi visto como possível no contato de um sujeito humano com outro.

observar é a existência de uma diferença de grau ou mesmo de sentido que a aprendizagem possui para as duas ordens de viventes. A aquisição de novas aptidões no comportamento animal pode estar conciliada com seus interesses vitais ou ao seu campo biológico sem que isso se constitua como uma inferioridade. Afinal, apesar das “insuficiências” de seu comportamento, em nenhum momento é negada uma inteligibilidade imanente própria a cada espécie. Inclusive, o sentido da conduta animal pode ter um significado vago e aberto, sem que isso signifique um significado *nulo* (Merleau-Ponty, 2006), e caberia a uma nova filosofia entender a originalidade destas relações e descrever uma “física animal” imanente a este comportamento. Ora, é este o ganho propiciado pela noção de *forma*. Afinal, se a aprendizagem pode ganhar contornos mais plásticos na conduta humana, assim ela o é pelos mesmos motivos que a conduta animal é do jeito que é: o comportamento é a projeção, no exterior, das possibilidades que são interiores ao sujeito e referem-se, neste caso, a *multiplicidade perspectiva*. Não por pouco, não poderia haver senão diferenças de sentido, e não diferenças substanciais, entre uma conduta e outra.

* * *

REFERÊNCIAS

BIMBENET, Étienne. **Nature et Humanité: Le problème anthropologique dans l'œuvre de Merleau-Ponty**. Paris: Vrin, 2004

CHAUÍ, Marilena. **Experiência do Pensamento: Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento: precedido de uma filosofia da ambiguidade de Alphonse de Waelhens**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Razão e Experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty**. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2006

NEVES, José Luiz. **Merleau-Ponty: Inerência e Transcendência**. São Paulo: Edições Loyola, 2018

RAMOS, Silvana de Sousa. **A prosa de Dora: uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty**. Tese de doutoramento, São Paulo, FFLCH-USP, 2009

Recebido 18/12/2024

Aprovado

15/09/2025

Licença CC BY-NC 4.0

